

# **A Psicanálise de Freud na Educação Freiriana: Conflito & Sintoma no Contexto Educacional da Juventude Preta**

Por: Jairo Oliveira de Castro

***Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,  
humanamente diferentes e totalmente livres.***

**— Rosa Luxemburgo [1918]**

Inspirado pelas palavras de Rosa Luxemburgo, que sintetizam o ideal de uma humanidade equilibrada entre igualdade social e diversidade existencial, este artigo busca refletir sobre como a Educação Freiriana, em diálogo com a Psicanálise de Freud, pode contribuir para a construção de uma escola verdadeiramente libertadora.

Enquanto professor negro, atuando na linha de frente da educação contemporânea, percebo cotidianamente os desafios enfrentados pelas múltiplas juventudes.

Além da necessidade de cumprimento do cronograma de conteúdos programáticos, é perceptível a urgência de olhar além do cronograma de conteúdos e atentar à saúde mental das novas juventudes, especialmente aqueles que carregam as marcas de uma sociedade estruturalmente desigual. Proponho então uma reflexão psicanalítica sobre a Educação Freiriana, buscando estabelecer pontes entre os conceitos de conflito e sintoma na perspectiva freudiana e a realidade educacional sob a ótica decolonial e antirracista.

O objetivo é compreender como a pedagogia de Paulo Freire aliada às bases da psicanálise pode oferecer ferramentas capazes de elaborar os sofrimentos que se manifestam na escola, observando o desenvolvimento integral e a emancipação da juventude.

A educação Freiriana propõe a emancipação do sujeito por meio do saber social, a interação no ambiente de aprendizagem e a valorização do contexto e dos saberes do estudante respeitando as suas vivências. O professor Freire concebe a educação como um ato político, democrático e emancipatório capaz de incentivar o pensamento crítico e a compreensão do papel social do indivíduo.

Os momentos de sua metodologia partem da realidade do educando para construir o conhecimento, incentivando a ação transformadora do pensar crítico e do elaborar consciente.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso bancário... (Freire, 1996, p. 28).

Nesse contexto, a Educação Freiriana se alinha a uma perspectiva psicanalítica ao reconhecer a importância do sujeito e de sua história na construção do saber. O diálogo, central na pedagogia freiriana, pode ser visto como um espaço de escuta e elaboração, onde os conflitos e as experiências vividas pelas múltiplas juventudes podem emergir e ser ressignificadas.

A problematização, por sua vez, estimula a reflexão crítica sobre a realidade, o que pode levar à conscientização de opressões e à busca por soluções. Um processo que se assemelha à tomada de consciência de marcas inconscientes que geram sofrimento.

Na psicanálise freudiana, o conflito psíquico é um conceito central, referindo-se à tensão entre forças opostas dentro do aparelho psíquico, como desejos inconscientes e defesas. Esses conflitos, muitas vezes reprimidos, podem se manifestar de diversas formas, sendo o sintoma uma de suas expressões mais complexas.

Nessas pessoas, encontramos regularmente sinais de uma disputa entre desejos ou, como costumamos dizer, de um conflito psíquico. Uma parte da personalidade representa certos desejos, enquanto a outra se volta contra eles e os rechaça. Sem esse conflito, não há neurose. Isso não nos pareceria nada de especial. (FREUD, 2017, p. 376)

Para Freud, sintoma é uma formação de compromisso entre um desejo inconsciente e a censura. Ele carrega um significado simbólico, sendo uma tentativa do psiquismo de lidar com aquilo que não está resolvido.

A censura é o mecanismo ativo que mantém a repressão. A repressão é o ato de afastar um conteúdo da consciência, mas a censura é a força contínua que impede o retorno desse conteúdo. A repressão inicial é um ato, mas a censura é um

estado de vigilância constante, uma barreira que se mantém erguida e que exige um gasto contínuo de energia psíquica para impedir a irrupção do reprimido. (FREUD, 2019, p. 155).

Por vezes, observamos estudantes com bom rendimento escolar isolarem-se durante atividades em grupo e que apresentam resistência notável em apresentações orais, mesmo dominando o conteúdo em questão, repetição deste contexto ocasionalmente gera frustração no estudante. Observando atentamente, podemos identificar a formação de compromisso entre um desejo e a censura.

Reproduzir padrões emocionais é uma característica do sintoma em busca de reelaboração. Essa dificuldade pode ser uma formação de compromisso. Há um desejo de reconhecimento, mas essa vontade entra em conflito com a censura certamente ligada a situações passadas, medo de julgamento, humilhação, sentimento de baixa autoestima, entre outras razões. Freud distingue essa forma de sofrimento psíquico ao afirmar que:

A angústia realista nos parece bastante racional e compreensível. Diremos que é uma reação à percepção, de um perigo externo, ou seja, de um dano esperado, previsto; está vinculado ao reflexo de fuga e é lícito considerá-la instinto de manifestação do instinto de autoconservação... (Freud, 2014, p. 521).

Não podemos desconsiderar que o isolamento e o silêncio são formas de lidar com o conflito. É uma forma de proteger o eu mesmo à custa de um desenvolvimento supostamente pleno. A repetição desse padrão em diferentes situações pode ser um conflito implícito que necessita de reelaboração.

Sendo assim, uma abordagem pedagógica humanista capaz de acolher e oferecer segurança, seja por meio de conversas ou outras formas de expressão, torna-se mais efetiva na superação da dificuldade do que a cobrança de participação desse aluno. Afinal, a maior marca da nova educação é a necessidade de reconhecer e respeitar as múltiplas juventudes e aprender é um cume com muitas trilhas.

As juventudes enfrentam uma série de desafios que impactam diretamente sua saúde mental. As dinâmicas sociais, acadêmicas, as interações nas redes, falta de vínculos e a incerteza sobre o futuro são fatores que contribuem para o aumento de transtornos como ansiedade e depressão, segundo Jonathan Haidt.

Para a juventude negra brasileira, esses desafios são agravados quando o racismo estrutural e violento se manifesta e traz consigo uma política muito bem estruturada de cerceamento. O apagamento e o silenciamento de conhecimentos produzidos pelo povo preto no currículo e a naturalização de desigualdades raciais são exemplos de como o racismo estrutural reverbera na vida dos estudantes negros.

Por isso mesmo, pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela-saberes socialmente construídos na prática comunitária-, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino de conteúdos (Freire, 1996, p. 28).

Esses elementos geram conflitos internos e externos, que se manifestam como sintomas psíquicos, afetando o desenvolvimento e o bem-estar desses jovens.

É comum observar estudantes negros desinteressados diante de assuntos relacionados à cultura ancestral, contudo, essa falta de adesão decorre da dificuldade de conexão com o tema proposto, por não se sentirem inseridos de verdade no contexto.

Podemos considerar que o desinteresse desse estudante pode ser compreendido como um sintoma do apagamento cultural, dessa forma a desmotivação se mostra como manifestação de conflitos gerados por todas as faces de uma violência simbólica enfrentadas sobretudo nas redes sociais, um terreno sem lei carente de regulamentação. Nesse sentido, é importante que o professor esteja disposto a atuar para além da sua posição formal.

A desumanização, que é a consequência da opressão, atinge não apenas os oprimidos, mas também, e de forma diferente, os opressores. Estes, na sua ânsia de 'ter' mais, de dominar mais, acabam por ser 'coisificados', perdendo a sua humanidade. A luta pela humanização, por isso, é a luta de ambos, oprimidos e opressores, embora a iniciativa caiba aos oprimidos. (FREIRE, 2019, p. 32)

A urgência de um currículo decolonizado contribui para o sentimento de não pertencimento e conseqüentemente para o agravamento da saúde mental da juventude negra. É papel do docente agir para além da transmissão de conteúdo

muitas vezes, esse educador será a voz que ecoará o sentimento adormecido. Esse educador é capaz de empoderar, com força ancestral, o direito de existir e de curar o medo; fortalecer a cultura preta é, assim, dar voz ao oprimido e coragem a quem precisa lutar.

Dentro da perspectiva de um professor negro, a articulação entre a Educação Freiriana e a Psicanálise de Freud oferece um caminho potente para formação e sobretudo para o desenvolvimento saudável do indivíduo.

“Apropriada de quem sou, estou forjando um olhar psicopedagógico preto, capaz de ressignificar processos de aprendizagens negros, desenvolvendo a autoestima negra e possibilitando que todos os sujeitos em diáspora se vejam possíveis” (Clarissa Brito, 2021, p 71).

Valorizar o contexto do estudante e promover o diálogo é papel social e político da escola, em que os sintomas entendidos como expressões de conflitos reprimidos, podem ser acolhidos e reelaborados. Isso é emancipador para o desenvolvimento e para a permanência, pois “não é suficiente convidar para a festa é preciso convidar para dançar”, a juventude preta precisa coexistir sem precisar de permissão; as relações entre brancos e pretos não podem ser tratadas como as de patrão e serviçal.

No papel de mediador, preto ou não, o professor assume o compromisso de facilitar a investigação temática das experiências dos alunos. É preciso tematizar a realidade do povo preto, valorizar as suas realidades e problematizar as estruturas que geram sofrimento.

A investigação temática, que se faz com os homens e não sobre os homens, é o ponto de partida do processo educativo libertador. Ela se constitui no momento em que os educandos-educadores e os educadores-educandos, em diálogo, buscam os temas geradores de sua realidade, aqueles que expressam as contradições e os anseios de sua existência. É um processo de desvelamento da realidade. (FREIRE, 2019, p. 115)

Essa abordagem permite que os jovens não apenas compreendam as raízes de seus conflitos, mas também desenvolvam estratégias para sua superação, fortalecendo-os, transformando a repetição patológica do sintoma em um processo de reelaboração e crescimento.

Esse motivo pretende proteger o Eu daqueles perigos cuja ameaça ensejou o adoecimento, e não permitirá a cura até que a repetição de tais perigos não mais pareça possível, ou até que obtenha uma compensação pelo perigo enfrentado. (FREUD, 2017, p. 411)

A educação antirracista, nesse sentido, não é apenas um conteúdo a ser ensinado; é a garantia do direito de existir, uma prática pedagógica que visa à libertação psíquica e social gerado pelas estruturas de opressão, promovendo a saúde mental e a emancipação da juventude negra frente às demandas do mundo contemporâneo.

A falta de representatividade em espaços de poder, na mídia e na cultura tem um impacto devastador na saúde mental, especialmente das crianças e jovens negros. Não se ver, ou se ver apenas em posições subalternas ou estereotipadas, mina a capacidade de sonhar e de se projetar no futuro. A representatividade positiva é um bálsamo, um respiro que afirma a possibilidade de ser e de existir plenamente, combatendo a invisibilidade que é, em si, uma forma de violência psicológica. (RIBEIRO, 2019, p. 105).

Ao integrar os princípios da Educação Freiriana com os conceitos psicanalíticos de conflito e sintoma, e ao considerar a realidade da juventude negra em uma sociedade marcada pelo profundamente violento racismo estrutural, é possível construir uma prática educacional mais humana.

O professor negro liberto, com sua vivência e compreensão das dinâmicas raciais, carrega consigo o dever de ser um agente fundamental nesse processo, sempre atento e forte, promovendo um ambiente escolar que não se reduz ao conhecimento acadêmico, mas que seja capaz de acolher, escutar e empoderar as múltiplas juventudes para a construção de uma saúde mental mais firme, consciente de suas vicissitudes, e sagaz o suficiente para olhar para as suas fraquezas, analisá-las, reelaborá-las com firmeza para não desmoronar.

A educação, assim, se reafirma como um ato de amor, de coragem e de insubmissão, capaz de desvendar os sintomas do sofrimento e de libertar o sujeito.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRITO, Clarissa. **O enegrecer psicopedagógico**: Um mergulho ancestral. São Paulo: Jandaíra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise**, conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**: como a grande reconfiguração da infância está causando uma epidemia de doenças mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

LUXEMBURGO, Rosa. **Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres**. Rio de Janeiro: CRESS 16, 2015. Disponível em: <https://www.cress16.org.br/noticias/por-um-mundo-onde-sejamos-socialmente-iguais-humanamente-diferentes-e-totalmente-livres-rosa-luxemburgo>. Acesso em: 15 out. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.